Uma vida ao nosso lado

Por José Luís Peixoto

No momento em que se está a pensar no nome para um cão, felizmente, não se tem completa consciência de toda a importância desse gesto. Mais tarde, é possível que a dita pessoa queira tatuar esse nome na pele. Mesmo que não o faça, esse nome ficará para sempre na sua memória, na história da sua vida. O nome que escolher naquele momento, por mais cómico ou prosaico, talvez apenas duas sílabas, ganhará para sempre um significado sério e profundo, será amor puro. No início, é apenas uma palavra que experimentamos em voz alta, que repetimos para perceber se soa bem, se combina com aquele focinho, com aquelas orelhas, com a maneira como o cão nos olha. Depois, sem que saibamos exatamente quando, torna-se uma das palavras que mais

pronunciamos ao longo dos dias. Dizemo-la para ralhar, para brincar, para pedir que venha para junto de nós. Com o tempo, bastará pronunciá-la de determinada maneira para que perceba o que queremos, mesmo antes de fazermos qualquer gesto. Também nós aprenderemos a reconhecer as suas respostas, a distinguir aquilo que nos pede através de movimentos quase impercetíveis.

Mesmo que, em instantes do dia-a-dia, sejam legítimas algumas queixas e irritações, todos os incómodos valem a pena. Sair para passeá-los, apanhar cocós, ter a casa cheia de pelo, ter as roupas cheias de pelo, são privilégios que acompanham uma honra que transforma a vida. Um cão altera os nossos horários, obriga-nos a reorganizar hábitos que julgávamos definitivos. Há manhãs em que preferíamos ficar na cama, noites de chuva em que não nos apetece sair, viagens que se tornam mais difíceis de organizar, despesas inesperadas, preocupações que não existiam antes. Mas, ao mesmo tempo, é essa presença que dá uma estrutura insubstituível aos dias.

Em todos os momentos, os cães propiciam-nos lições fundamentais, fazem de nós pessoas melhores. Os anos que passamos com eles, desde que são pequeninos, a roerem tudo, a não pararem quietos, até aos anos em que já preferem ficar deitados durante todo o dia, em que passeiam muito devagar, a farejarem sem se surpreenderem com nada, contêm uma vida inteira, feita de momentos que marcam o nosso tempo com uma dose de pureza, de bondade, que, só muito dificilmente, teríamos encontrado noutro lado. Ao longo desses anos, os cães acompanham

transformações que, muitas vezes, não somos capazes de identificar enquanto acontecem. Há uma emoção profunda em perceber que assistiram a acontecimentos decisivos da nossa história. Entretanto, de um modo que parece sempre demasiado rápido, também eles mudam. A energia que parecia inesgotável foi dando lugar a uma serenidade que nos comove. Aprendemos a adaptar-nos ao seu passo, a dar-lhes apoio, vamos percebendo quando já não conseguem realizar o que antes faziam sem esforço.

Essa é a matéria deste livro. Em cada texto, encontraremos um exemplo de cães que ocuparam esse lugar na vida de escritores. Por serem escritores, foram capazes de encontrar palavras para sentimentos que, seguramente, todas as pessoas que privam com cães já sentiram. A literatura permite-nos reconhecer, na experiência dos outros, o que julgávamos pertencer exclusivamente à nossa intimidade.

Existe algo de particularmente interessante no encontro entre os escritores e os cães. Quem escreve passa, muitas vezes, longas horas sozinho, numa relação muito particular com o silêncio. Um cão pode participar nessa solidão sem a perturbar, pode estar deitado aos pés de uma secretária durante a criação de páginas que um dia serão lidas por milhares de pessoas. A sua presença pode oferecer um equilíbrio que, depois, de forma implícita, está presente no texto. Agora mesmo, enquanto escrevo estas palavras, tenho a *Mira* deitada a pouca distância de mim. Às vezes, levanto o olhar e testemunho a forma sublime como aprecia a luz que a cobre, o ritmo perfeito com que a respiração sobe e desce na sua barriguinha.

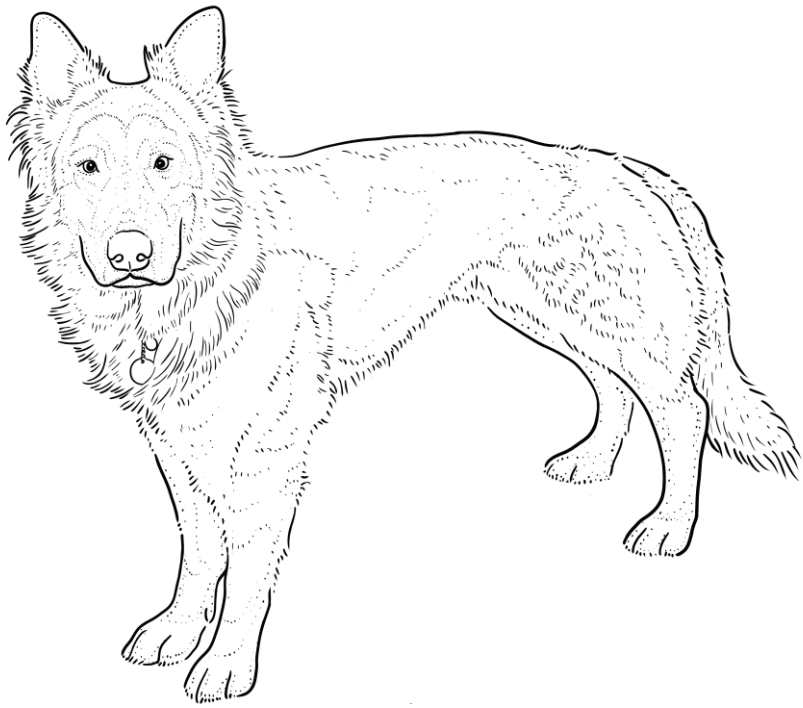
Todos os cães são o melhor cão do mundo.

Mas, como em tantos outros aspetos da vida, também existe o oposto absoluto de todo este júbilo. A morte de um cão é um pesadelo que, até ao dia em que chega de modo sempre cruel, não queremos imaginar. E esse dia chega sempre, pode ser através da passagem do tempo, inevitável, ao ficarem velhinhos, frágeis; pode ser através de doenças terríveis, contra as quais tentamos lutar, mas não há nada a fazer; ou pode ser de repente, através de atropelamentos e outras situações tão dolorosas. Na verdade, todos os fins serão dolorosos, lancinantes.

Perante esse vazio, a falta dessa presença, que já não chega a abanar o rabo de cada vez que entramos em casa, perante os seus objetos subitamente frios e sem propósito, a caminha, a tigela da água, os brinquedos, há quem nunca mais queira ter um cão: ou porque pensa que isso seria uma traição àquele afeto, àquele olhar que fica para sempre na memória, ou porque tem medo de voltar a ter de enfrentar aquela dor. Nenhum outro cão terá os mesmos hábitos, a mesma expressão, a mesma maneira de pedir festas ou de se instalar junto a nós. Mas, quando essa pessoa tiver recuperado um pouco mais a harmonia com a natureza e com as suas leis, é muito provável que chegue um dia em que, de novo, se cruzará com outro cão, hão de encontrar-se ao vivo ou na internet. Será um cãozinho de olhar doce, que precisará de quem lhe dê uma casa, carinho, uma família. E começará tudo outra vez.

José Luís Peixoto





Introdução

por Alice Hoffman

Quando recebi a carta de aceitação de Stanford, soube que era uma oportunidade única. Entrei num avião e deparei-me com um futuro diferente, algo que nunca imaginara vir a ter durante uma infância infeliz, passada maioritariamente sozinha. Quando era pequena, os meus pais desapareceram de cena, o meu irmão saiu de casa ainda na minha adolescência e percebi que, nos últimos tempos, o membro da família mais próximo era o meu cão. Na Califórnia, fui viver para uma enorme casa antiga, com um limoeiro e uma colmeia no jardim. Conheci um mentor brilhante que acreditava na minha escrita e amigos com um futuro — pessoas a frequentar a faculdade de Direito ou programas de doutoramento, muitas delas igualmente escritoras, um grupo maravilhoso e excêntrico.

No fundo, porém, continuava a sentir-me só. Não tinha ninguém de quem fosse realmente próxima, que aguardasse o meu regresso, estivesse sempre lá. Eu precisava de um cão.

O primeiro cão, aquele que marcou a minha infância, foi uma surpresa. Quando eu tinha cerca de seis anos, o meu pai chegou a casa, sem avisar, com um cão de exposição que fora recentemente retirado do circuito das exposições, um *Schnauzer*, bem treinado e brilhante, chamado *Whiskers*, embora o seu nome oficial fosse *Von Esterhazy's Military Music*.

Desde o início, o cão parecia chocado por viver numa casa caótica, onde não havia horas para as refeições nem regras e onde, fosses cão ou humano, estavas praticamente por tua conta e risco. A páginas tantas, o meu pai deixou-nos, e o pobre e digníssimo *Whiskers* ficou condenado a partilhar o caos das nossas vidas.

A minha mãe era uma rebelde despreocupada, muito longe de ser uma cuidadora. Quando íamos visitar familiares durante fins de semana prolongados, deixávamos o sofredor e bem-comportado *Whiskers* trancado na cave, com comida e jornais espalhados pelo chão. Dir-se-ia que o *Whiskers* era o único ser lá de casa com bom senso. Fugiu várias vezes, e eu não o podia censurar. Saltava a vedação metálica de quase dois metros e dirigia-se para a Southern State Parkway, mas acabava sempre por voltar. Adorava-o perdidamente, e ele correspondia aos meus sentimentos com uma certa frieza. O mais importante era ele ser o único que estava presente quando eu chegava

da escola e também quando me ia deitar. Não creio que a minha mãe e o meu irmão dessem conta se eu saltasse a vedação e fugisse, mas sei de ciência certa que o *Whiskers* iria atrás de mim. Tínhamos ambos a certeza de que vivíamos na morada errada.

Ao *Whiskers* seguiu-se a *Bambi*, outra *Schnauzer* que nunca foi treinada e que passou a vida a ferrar o dente em tudo e todos. A minha mãe deixava-a fazer o que queria, e a *Bambi* mordia qualquer pessoa que entrava porta adentro. Parecia ter uma aversão particular aos homens, o que combinava com o ambiente lá de casa, à medida que os namorados da minha mãe, qual deles o pior, se iam sucedendo. Após a *Bambi* veio o *Bruno*, da mesma raça, mas ainda mais indisciplinado e selvagem. Nunca foi ensinado a fazer as necessidades na rua; preferia urinar no tapete em vez de na relva e também era um mordedor nato. Víamo-nos forçados a fechá-lo sempre que apareciam pessoas, chegando à conclusão de que era mais fácil, pura e simplesmente, não receber visitas. Para ser sincera, os pais dos meus amigos também não os deixavam ir a minha casa. Eram outros tempos, convenhamos. Viver em união de facto afigurava-se invulgar e as mulheres divorciadas contavam-se pelos dedos, sobretudo as indomáveis, à semelhança da minha mãe.

Por fim, tivemos o *Jason*, uma «prenda» pela minha conclusão do ensino secundário, embora o animal nunca tenha visto as coisas por esse prisma. Era um pequeno caniche com ar inquisitivo, que mostrava os dentes e rosnava quando algo não lhe agradava. Sentava-se numa

cadeira da cozinha para jantar e gostava de sair para comer gelados C*arvel*. A minha mãe achava graça ao seu mau comportamento, e não tardou que se tornasse o cão dela. Mas o *Jason* também possuía um lado sensível e estava sempre comigo quando eu chorava. Julgo que me considerava tolinha por ser tão emotiva e triste. Pela forma como me fixava, percebia-se que achava que eu devia crescer e aceitar que a vida era dura. Até um caniche miniatura tinha consciência disso.

Os cães eram a minha companhia, em quem podia confiar, aqueles para quem eu importava e que me importavam sobremaneira. Fazia todo o sentido que, após dois anos a viver na Califórnia, a sentir-me desenraizada e sozinha, receosa do que o futuro me reservaria, começasse a pesquisar anúncios de animais de estimação em Palo Alto. Um dia, encontrei o que procurava: um anúncio de pastores alemães em Sunnyvale. Sem perder um segundo, conduzi até uma quinta nas colinas. Os cachorrinhos tinham três ou quatro meses, nascidos por obra e graça de um homem seriíssimo que criava cães para uso policial. Apresentou-me os pais, que executaram uma série de exercícios de obediência. Fiquei de tal modo pasmada que nem tive medo dos enormes cães-polícia. Trouxe os cachorros e soube imediatamente qual me estava destinado. Era um Pastor Alemão de pelo comprido que obedecia às ordens básicas — «senta», «deita», «fica» e «aqui» — e, quem sabe?, muitas mais que nunca me dei ao trabalho de exigir. Chamava-se *Houdini*, e isso representava claramente um sinal. Ele era magia, e eu sabia-o. O criador

adiantou que, se não solicitasse quaisquer documentos e prometesse não o usar para reprodução, podia ficar com o cachorro por setenta e cinco dólares. Havia mais uma condição: a promessa de que não o levaria para fora do estado da Califórnia. Olhei para o *Houdini* e soube instintivamente. Ele já era meu e, mais importante ainda, eu era dele. Tudo bem, disse ao criador, fazendo figas atrás das costas. Nunca sairia da Bay Area.

Era maior de idade e despreocupada, uma rapariga deprimida de quem nunca ninguém cuidara como deve ser e que não se valorizava. Andava na universidade, tinha dois empregos e estava a escrever o meu primeiro romance. Por isso, o *Houdini* treinou-se a si próprio. Francamente, depois de *Bruno*, *Bambi* e *Jason*, nem saberia por onde começar. Não me preocupei em perguntar aos meus cinco colegas de casa se se importavam com a presença de um cão; limitei-me a aparecer com ele, tal como o meu pai fizera, muitos anos antes, com o *Whiskers*. O *Houdini* teve apenas um acidente, no quarto desarrumado do meu colega John, e, após ser repreendido por um estudante de doutoramento perturbado, nunca mais cometeu o mesmo erro. Ficava no jardim quando eu ia para a universidade e para o trabalho, para não incomodar os meus companheiros. Às vezes, ficava o dia inteiro fora, e ele nunca escavou as plantas de alcachofra nem as roseiras; limitava-se a esperar que eu voltasse. Estávamos juntos nesta vida, ele e eu.

De regresso a Nova Iorque, o *Houdini* acompanhou-me. Para nós, «casa» significava termo-nos um ao outro.

Quando aluguei um apartamento em Chelsea, Manhattan, o cão ainda andava sem trela. Passeava comigo para todo o lado e ninguém fazia perguntas. Levava-o no autocarro que atravessava a cidade, a restaurantes, ao então chamado Elgin Theater, ao supermercado. As pessoas pensavam que ele era um cão-guia, por causa da raça e por ser espantosamente bem-comportado.

Em novinha, tinha ataques de pânico com regularidade, mas graças ao *Houdini* sentia-me suficientemente segura para conduzir de Long Island, onde fazia o meu doutoramento, até Manhattan. Desloquei-me com ele ao escritório da minha agente, Elaine Markson, na Greenwich Avenue, e, durante a época em que vivi numa comunidade balnear degradada, limitava-me a abrir-lhe a porta para ele correr pela vizinhança. Bastava-me assobiar para voltar a correr. Teve um breve caso com uma caniche: quando os apanhei juntos, era a imagem viva de um cão culpado. Resultado: nunca mais me traiu.

A cada ano que passava, mais me convencia de que o *Houdini* era mágico. Ia comigo todos os dias para o gabinete de trabalho e dormia debaixo da secretária enquanto eu escrevia o meu livro. Nunca pedia nada e dava-me tudo. Uma vez, ao caminhar por uma rua em Chelsea, ouvi alguém dizer: «A rapariga é igualzinha ao cão dela», e quando me vi na montra de uma loja, percebi que ela tinha razão. Éramos versões um do outro, e senti-me profundamente lisonjeada. Mesmo sem grande opinião de mim própria, sabia que o *Houdini* era lindo.